

Apresentação de **Lech Walesa**, Prêmio Nobel da Paz
Introdução do rabino **Michael Schudrich**, rabino-chefe da Polônia

A GUERRA DE UM MENINO:
O DIÁRIO DE JULIAN KULSKI
NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A COR DA CORAGEM




A COR DA CORAGEM



A COR DA CORAGEM

**A GUERRA DE UM MENINO:
O DIÁRIO DE JULIAN KULSKI
NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Tradução
Clóvis Marques

valentina 

Rio de Janeiro, 2016

1ª Edição

Copyright © 1979, 2014 by Julian Kulski e Aquila Polonica (U.S.) Ltd.
Publicado mediante contrato com Aquila Polonica (U.S.) Ltd.,
por intermédio de Seibel Publishing Services Ltd.

TÍTULO ORIGINAL
The Color of Courage

CAPA
Raul Fernandes

REVISÃO TÉCNICA
Tiago Starling de Mendonça

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98c

Kulski, Julian

A cor da coragem: a guerra de um menino: o diário de Julian Kulski na Segunda Guerra Mundial /
Julian Kulski; tradução Clóvis Marques. – 1. ed. – Rio de Janeiro:Valentina, 2016.
416p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The color of courage
ISBN 978-85-65859-72-1

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Narrativas pessoais. I. Título.

16-34045

CDD: 940.531

CDU: 94(100)*1939/1945

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

*Para meus companheiros de armas
na IX Companhia de Comandos*





Qual é a cor da coragem?

Vermelho, é claro.

*Pois em tempo de guerra
coragem é arriscar o próprio sangue.*

*Nossa bandeira é vermelha e branca.
E o que me vem é:
vermelho de coragem, branco de honra.*

*Afinal, o que fica para um homem,
além da sua honra... e da coragem de viver por ela?*

Julian Kulski





○ Levante de Varsóvia em 1944: pela primeira vez, soldados do Exército da Pátria marcham abertamente pelas ruas, depois de quase cinco anos de ocupação alemã.

[SUMÁRIO]



Lista de Mapas	11
Lista de Extras Digitais	12



Introdução do rabino Michael Schudrich, rabino-chefe da Polônia	15
Apresentação de Lech Walesa, Prêmio Nobel da Paz	17
Prefácio	21



Capítulo 1	10 anos: 1939 – Começa a guerra	25
Capítulo 2	11 anos: 1940 – Minha guerra particular contra os alemães	67
Capítulo 3	12 anos: 1941 – Recrutado para o Exército da Resistência	117
Capítulo 4	13 anos: 1942 – Missão secreta no Gueto	147
Capítulo 5	14 anos: 1943 – Levante no Gueto: capturado pela Gestapo	181
Capítulo 6	15 anos: 1944 – O Levante de Varsóvia	245
Capítulo 7	16 anos: 1945 – Prisioneiro de guerra dos alemães; fuga para a liberdade	363



Epílogo	375
Posfácio do capitão Mieczysław Morawski, comandante da IX Companhia de Comandos	379
Apêndice 1: Família, amigos e líderes poloneses	381
Apêndice 2: Ocupantes alemães	385
Horizonte Histórico: A Polônia na Segunda Guerra Mundial – Resumo	389
Questões para debate	405
Biografia do autor	409
Crédito das fotografias	411

[LISTA DE MAPAS]



Europa – 1939	16
Polônia – 1939	24
Invasão da Polônia – setembro de 1939	34
A Polônia ocupada, 1939-1941	66
Varsóvia, 1939-1944	72
Arredores de Varsóvia – 1940	103
Gueto de Varsóvia – 1940	104
Gueto de Varsóvia – Levante de 1943	194
Levante de Varsóvia em 1944: O começo, início de agosto de 1944	269
Levante de Varsóvia em 1944: Żoliborz, 21 a 22 de agosto de 1944	306
Levante de Varsóvia em 1944: Żoliborz, 14 a 16 de setembro de 1944	325
Levante de Varsóvia em 1944: O fim, início de outubro de 1944	336



[LISTA DE EXTRAS DIGITAIS]



Extras Digitais são vídeos curtos produzidos a partir de filmes históricos originais e material de áudio para acompanhar *A cor da coragem*. Esses vídeos podem ser acessados on-line: para assisti-los, escaneie os códigos QR ou digite a URL que aparece sob cada imagem.

Capítulo 1 – 1939

<i>Varsóvia será reconstruída!</i>	64
Stefan Starzynski, prefeito de Varsóvia	
Discurso radiofônico	
17 de setembro de 1939	
<i>Cerco: Tem início a Segunda Guerra Mundial</i>	64
Trecho de um cinejornal indicado ao Oscar de 1940	
<i>Varsóvia se rende</i>	65
Setembro de 1939	
<i>Desfile da vitória alemã</i>	65
Varsóvia	
5 de outubro de 1939	

Capítulo 2 – 1940

<i>Adam Czerniakow</i>	116
Gueto de Varsóvia	
Maio de 1942	

Capítulo 5 – 1943

<i>Massacre da Floresta de Katyn</i>	244
Propaganda alemã	
Abril de 1943	
 <i>Massacre da Floresta de Katyn</i>	 244
Depoimento de mascarado	
Comissão do Congresso dos EUA	
Fevereiro de 1952	

Capítulo 6 – 1944

<i>Levante de Varsóvia, 1944</i>	360
Exército da Resistência Polonesa	
Transmissão radiofônica	
Trechos	
24 de agosto de 1944	

Levante de Varsóvia, 1944 360

Rendição dos poloneses

Levante de Varsóvia, 1944 361

Propaganda alemã

Levante de Varsóvia, 1944 361

Noticiário norte-americano



[INTRODUÇÃO]



Descendente de um rabino-chefe de Varsóvia no século XIX e de um rei da Polônia no século XVIII, Julian Kulski é um exemplo vivo da coexistência das religiões na Polônia antes da convulsão provocada pela Segunda Guerra Mundial e da tragédia do Holocausto orquestrado pelo nazismo alemão.

Com uma maturidade e uma compaixão surpreendentes para a sua idade, Kulski enfrenta corajosamente o mal, ao mesmo tempo que tenta entendê-lo. Talvez não tenha consciência de que entre as suas armas estão uma invisível mas potente força de caráter e um claro norte moral que se irradia por todo o seu diário. A inabalável devoção de Kulski aos mais elevados ideais de liberdade e dignidade humanas — assim como a disposição de lutar para defendê-los frente a dificuldades insuperáveis — constitui leitura altamente inspiradora.

A cor da coragem destina-se a todos — mas especialmente aos jovens, que estão amadurecendo e em busca do significado da vida e de forças para se posicionar pelo que é bom e importante. Kulski nos lembra que a liberdade e a dignidade humanas transcendem raça, religião e idade, e que a nossa vigilância não pode jamais esmorecer.

Rabino Michael Schudrich
Rabino-chefe da Polônia



EUROPA – 1939



[APRESENTAÇÃO]



A história da Polônia é uma sucessão de acontecimentos maravilhosos e nobres, mas também trágicos e catastróficos. Em nossos sonhos, assim como nos sonhos de nossos antepassados, esses acontecimentos sempre foram elos numa cadeia conduzindo à liberdade. Ao longo do tempo, esse desejo de liberdade, profundamente enraizado em nós, definiu a Polônia como nação, inspirou poetas e fortaleceu o espírito dos que combatiam. Hoje, desfrutamos dessa liberdade ao mesmo tempo que nos lembramos da jornada, dos sacrifícios que foram feitos e dos heróis que lutaram para recuperar tal liberdade no passado.



A bandeira polonesa orgulhosamente desfraldada num tanque alemão capturado pelo Exército da Pátria durante o Levante de Varsóvia, 1944.

No processo de construção da Polônia moderna, democrática e livre, com frequência nos remetemos à história recente. Na juventude, eu liderei os milhões que se mobilizaram no movimento libertário do Solidariedade. O Solidariedade acabaria provocando a queda do comunismo na Europa Oriental e na União Soviética — pondo fim à Guerra Fria. Mas não poderíamos ter saído vitoriosos não fosse o espírito de liberdade forjado através das eras na trágica história da Polônia.

Os ideais pelos quais o povo polonês lutou na Segunda Guerra Mundial — liberdade, dignidade humana e o direito à autodeterminação — são os mesmos que inspiraram o movimento Solidariedade. A luta enfrentada pelos poloneses naquela guerra foi uma lição de patriotismo e dedicação ao nosso país. Sem a geração da Segunda Guerra Mundial, não teria havido a geração do Solidariedade.

A Segunda Guerra Mundial destruiu milhões de famílias em todo o mundo, entre elas a minha. Meu pai foi detido pelos alemães e mandado para um campo de prisioneiros. Sobreviveu, mas tão alquebrado que não resistiu e veio a morrer dois meses depois da libertação. Tinha 33 anos, e eu nem cheguei a conhecê-lo.

Essa guerra deixou sua marca trágica na configuração mundial e na condição das nações por muitos anos. O mundo surgido da guerra era um mundo que nós, poloneses, não podíamos aceitar, ainda que tenhamos sido forçados a viver nele por quase 50 anos. Embora a Polônia tenha combatido valorosamente ao lado dos Aliados, veio a ser traída por eles, quando, depois da guerra, entregaram-na ao totalitarismo comunista.

Milhares de livros foram escritos sobre a guerra — mas muito poucos, se é que existem, por um soldado ainda menino. Este livro notável, escrito quando Julian Kulski era um soldado de 16 anos no Exército Polonês, confere vida a uma parte da guerra praticamente desconhecida no Ocidente.

Este diário, escrito com o coração e pela mão de um adolescente, nos proporciona uma visão única e comovente da Segunda Guerra Mundial. Ao descrever suas experiências durante a guerra, inacreditáveis do ponto de vista de um adolescente de hoje, esse jovem polonês demonstra incríveis emoções — medo, mas também orgulho, determinação e força de caráter. Uma magnífica lição de humanidade e patriotismo.

19 • APRESENTAÇÃO

Obrigado por seu posicionamento corajoso na época e por este testemunho para as futuras gerações! Honra aos nossos heróis!

Lech Walesa

Presidente da Polônia (1990–
1995)

Prêmio Nobel da Paz (1983)





O autor, Julian Kulski — 1944 (aos 15 anos).

[PREFÁCIO]



Quando os alemães invadiram a Polônia no dia 1º de setembro de 1939, eu tinha 10 anos e meio. Era um entusiástico e ousado escoteiro,¹ ansioso por ser tratado como um homem. Eu não sabia que era o início da Segunda Guerra Mundial... e o fim do mundo tal como o conhecia.

Eu já tinha uma namorada, Zula. Ela era judia e eu, cristão. Outras pessoas importantes para mim e que eu amava, como meu pai e meu mestre de escotismo, Ludwik Berger, tinham antepassados judeus. A religião não era importante para nós, mas, tragicamente, os alemães pensavam diferente.

Ao ter início a guerra, meu pai era vice-prefeito de Varsóvia. Eu morava com meus pais, minha irmã menor e minha tia numa casa na zona norte da cidade, no encantador e arborizado bairro de Żoliborz.

Este livro é a história do meu crescimento durante os cinco anos brutais da ocupação alemã, em meio à catastrófica destruição da minha amada cidade. Como se verá, resisti aos alemães — inicialmente, com pequenos atos de sabotagem, e depois, recrutado por meu mestre de escotismo, alistei-me como soldado no Exército da Resistência.

Combati no Levante de Varsóvia de 1º de agosto a 30 de setembro de 1944, quando finalmente fomos forçados a nos render. A guerra acabou para mim aos 15 anos e meio de idade, como prisioneiro de guerra no Stalag XI-A, perto de Dörmitz, Alemanha, cerca de 80 quilômetros a sudoeste de Berlim. Eu estava

¹ O Movimento Escoteiro Internacional surgiu durante as Guerras dos Bôeres, na África do Sul (1880-1881 e 1899-1902), da experiência do general britânico Robert Baden-Powell e do norte-americano Frederick Russell Burnham, veterano das guerras indígenas no Oeste americano e experiente batedor. Em 1910, o Movimento Escoteiro já se disseminara do Império Britânico para uma série de países, entre eles a Polônia, logo sendo seguido pela organização de um movimento similar para meninas.

terrivelmente doente, gravemente desnutrido e não tinha a menor ideia do que acontecera a minha família.

Depois da libertação, eu me vi sozinho aos 16 anos, na Inglaterra, sofrendo do que hoje é conhecido como transtorno do estresse pós-traumático. Minha saúde física ainda era frágil. Na minha cabeça, eu revivia constantemente as batalhas, a morte e toda aquela devastação. De repente, estava atirando granadas em meio a um pavoroso tiroteio... para descobrir, então, que tinha jogado o abajur da mesa de cabeceira durante um violento pesadelo.

Finalmente, um sábio médico militar me recomendou redigir minhas experiências com a maior precisão possível, como uma forma de deixar a guerra para trás e começar uma nova vida. Assim teve início a minha crônica da Segunda Guerra Mundial.

wał swoją pracę. A później tego dolażywały nieładnie
jęki i szlokania o ponurę dół Boga, działające bardzo na
żłanie i tak już straszenie wstrząsane nerwy.
Wła dodatk tego na korytarzu był o radio słuchanie
melodiami. Od czasu do czasu dyktujący "gestapo" wcy
ustawiali sobie na korytarzu stół z bejsbolkami i smaczonymi
kartofelkami, i wówczas zaczęli słuchać tak sup wygło-
szonej w nieludski sposób wzmianki że im pęknęła
żółćka porzuciła do gardła. W takich warunkach
młotony musieli spędzić 24, 48 i nawet 36 godzin.
Ja zaczęłem swój jeden w takich warunkach w "sanat-
rium" od godz. 9. rano. O godz. 11.30 podszedł do mnie
jeden z gestapowców i zapukał mnie o ramię. Gdy odpo-
wiedziałem że uciekam, chwycił mnie na korytarz i siedział
na krześle, zaczął mi sobie czytać listy. Wskazywał
na obrażania zaczętem celować chłystki tego z rękawu
i nie ludzi i nie zwierząt. Odczytując jednemu musiałem
zrobić to drugiemu i trzeciemu. Podczas tej czynności przew-
lita mi do twarzy ze wstydu i ze zmęczenia. Po skoń-
czeniu tej czynności usadili mnie znów na kratę
i siedziałem tam aż do godz. 1. W tym czasie zeszedł
po mnie "gestapo" więc leżąc mnie awentura i zajmował
się "z" zperem i zabwał mnie ma drugie piętro do swojego
garnetu. Był to średni pokój z dwoma słownikami napisanymi
i dwoma listkami. Gdy wróciłem do pokoju miałem tak
wstrząsane nerwy że trzęsłem się jak galareta, i wprost nie
są dojdę po kilkunastu minutach gdy odpoczałem. Badanie
się odbywało w taki sposób, że siedziałem naprzeciwko obu
"gestapowców" napatnyjących się ciągle i bezustannie badano

Muitas vezes me perguntam como eu podia me lembrar das coisas com tanta clareza. Comecei a escrever este diário no verão de 1945, cerca de dois meses depois do fim da guerra. Minhas experiências, do primeiro ao último dia da guerra, ficavam se reproduzindo repetidamente na minha cabeça, um caleidoscópio de cenas que se precipitavam sem fim na minha consciência. Minhas recordações eram tão vívidas, presentes e intensas, tão causticantes em sua clareza, que aqueles seis longos anos de guerra ganharam vida novamente nos três meses seguintes, à medida que os lançava no papel. Mais tarde, com a ajuda de um calendário e consultando os poucos documentos que cito, pude acrescentar detalhes e datas aproximativas, nos casos em que as específicas se tinham apagado de vez da memória. Escrevi à mão, em polonês, naturalmente, guardei o manuscrito numa gaveta e segui adiante, tratando de construir uma nova vida.

Setenta e cinco anos se passaram desde o início da Segunda Guerra Mundial, e hoje acho mais difícil que nunca aceitar ou mesmo compreender a desumanidade daquela época. Quando se teve pela primeira vez a ideia de publicar meu relato, dei-me conta de que isso deveria mesmo ser feito, por dois motivos: primeiro, por conter um registro contemporâneo dos acontecimentos, ao qual os historiadores possam se referir (o que vários já fizeram), e também, o que é mais importante ainda, para que as minhas experiências fiquem na memória dos meus companheiros e das inúmeras outras pessoas corajosas de Varsóvia que simbolizam o triunfo do espírito humano sobre a opressão e o terror.

Julian Kulski

Washington, D.C.

1º de agosto de 2014

(70º aniversário do Levante de Varsóvia)



POLÔNIA — 1939

